

revista de
poesia

SET.19
N.4

Tiago Rabelo
Camila Marchioro
Lucas Araújo
Dado
Luiza Moura
Luis Gustavo Cardoso
Marcelo Gaspar
Dylla Vicente
Nilo da Silva Lima
Maria Bernadete C Borborema

org.
Well Souza



trevo



EDITORA
Benfazeja

pppppppublicarrrrrrr

Essa revista é a nossa forma de agradecer aos escritores pelo acolhimento que temos recebido desde 2010, quando começamos a revista benfazeja (projeto de blog, bem modesto, mas desde sempre cuidado com zelo e seriedade). Ao acolhimento presente também quando, em 2015, abrimos a editora benfazeja e ao acolhimento de agora, com o Selo Trevo.

Publicar literatura, em especial poesia, tem sido o norte dos projetos editoriais e minha missão pessoal. Escrever poesia está em segundo plano, um hobby por vezes doloroso (vocês devem saber bem do que estou falando). Trabalhar com a Revista de Poesia é revigorante (além desta revista temos também o Prêmio Literário Poesia Agora que publica em livro impresso os vencedores).

Estamos a par do peso e do esforço que será ler e retratar a produção poética contemporânea. A par da audácia de levar um projeto assim, de forma gratuita e demográfica. Mas também sabemos bem (como disse, desde 2010) a delícia que é tratar/lidar com poesia e, principalmente, com poetas.

Agradeço, por fim, aos mais de dois mil participantes. Foi difícil escolher apenas 10 para representar todos esses inscritos. Difícil e prazeroso, mas acredito que fizemos (e continuaremos fazendo), um grande trabalho!

Esta edição é a primeira publicação de muito dos 20 autores e será a primeira publicação de centenas de outros poetas no decorrer dos próximos anos. Devo repetir o quanto essa energia que recebemos é revigorante – parece que até os computadores trabalham melhor. Devo repetir que é o nosso norte.

Por favor, leiam, compartilhem, baixem e guardem :)

Esse carinho que recebemos de volta é o nosso (melhor) salário!

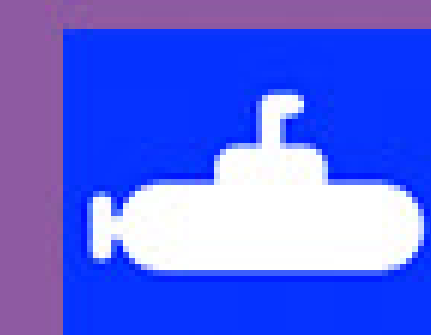
PUBLIQUE CONOSCO

ANTOLOGIAS

quer realizar o sonho
de publicar um livro?



podemos te ajudar :)





breves anotações p/ um dia de chuva ao som de Milton Nascimento

toda palavra
cabe dentro de um suspiro |
toda língua pode ser evitada |
toda linguagem é
um desfecho trágico |
toda palavra é
um abismo, um vale e um matagal |
uma língua é uma cor, um código |
toda linguagem é espaçosa
 como um grito |
toda língua é breve como um gemido |
toda palavra é líquida/o |
toda linguagem é
 um aceno, um gesto |
toda palavra, toda linguagem, toda língua:
tudo e nada |

toda linguagem é
um mapa, uma geografia desabrigada |
toda língua é arame
 - (farpado) | e cada palavra, uma
 des. espera. nça;
uma forma de omitir |
uma palavra dura mais de mil anos |
uma língua dura a fração de um instante |
uma linguagem não dura nada |

toda palavra é linguagem |
a língua é um caso à parte: |
uma língua é uma árvore cercada |

toda linguagem é incendiária:
álcool, gás, isqueiro; luva, vapor, fumaça |
e cada palavra, um chuvisco |
e uma gota para cada língua |

- toda palavra é vanguarda.

Tiago Rabelo



Pés de Lotus

No deserto, as mulheres limpam a areia de seus rostos
caminhando contra o vento que desdobra o véu,
curvadas, os tecidos colados ao corpo
revelando silhuetas magras.

No sertão, as mulheres limpam a poeira do rosto com a mão
um bafo quente arrefece bochechas amargas
enquanto a água quase ferve nos baldes
suja de tanto tempo parada.

Na pia do banheiro de um apartamento
na maior e mais rica cidade da América,
uma mulher lava a face com água encanada,
amarga.

O ritual sagrado revela
vales cansados cavados pelos dias
sinuosos por onde caminham inúmeras outras
mulheres
que encontra em segredo
inconsciente sob as cobertas e lençóis
selecionados por milênios de tradição.

O suor enrola-se no poliéster cortado a laser,
nenhum bordado.
Um cheiro que remete à loja chinesa de esquina
onde um velho dentuço não sabia se havia outro modelo
embala os seus sono.

Nos vales sinuosos da noite
sonha que une-se a mulheres

que caminham por um deserto
que bebem água suja

e os objetos do tempo
aparecem
no rosto
como unidades
constituídas.

Camila Marchioro



! sem título !

Deitei-me no chão
Escutei meu coração
E numa pausa
O silencio estava em mim
E ecoava um mundo todo
Curioso feito caracol.
Desci a Serra, ladeira em S
De bicicleta em pé no pedal
Mas os gigantes dinossauros verdes
Permaneceram adormecidos.
Noutra pausa passou por mim uma saúva
Carregando uma folha maior que qualquer lentidão já
vista.
Era a saúva a salvar a família,
Pois o tempo estava bonito de chuva, salve.
E desaguei torrencialmente no Atlântico Sul,
Mal sabia eu que estava no meu período fértil.
Afeto.
Noutra pausa em Sol Maior
Com a água escorrendo sem Dó
Chamei as crianças e lavei roupa suja,
Beijei meu amor em Lá, lavei roupa suja, lá.
Depois senti o cheirinho do meu mais novo, de um
aninho.
“Filho!”
Ele olhou sorrindo,
Então me fiz criança,
E ele se fez gigante,
E eu desabei, chorrindo.

Shiva

Vamos tecer uma rede de interrelações entre nós
Algo que flu(tu)a ... como um rio
Algo de troca ... de idéias
Algo de troca ... de sentimentos
Como qualquer padrão na natureza

Vamos um mundo (des)const-ruir:
Há padrões de conchas
E padrões de curvas
E padrões de consciência
Mas, com estabilidade

Quando toco tua mão
Estamos t(r)ocando elétrons
Porém não te dest-ruo
Nem me dest-róis

Continuamos inteiros
Primos entre nós
Únicos
Unos
Um

Assim se processa a dança
Com(sem)
inter-ação
Inter-relação
Inter-penetração

Porém sem(com) (des)construção





Amor é

Amor é...
Essência
Saliências
Incoerência
Coincidências
Transferência
Turbulências
Transparência
Reticências
...

Luiza Moura



Formiga Rainha

Uns versos não valem;
mas vale o verso.

Quando a rainha deixa
o formigueiro para

aventurar-se entre objetos
maiores e pousa sobre

meu corpo ingênua
acredita, quem sabe,

que a salvarei do sopro,
do punho e da morte.

Não sabe que, entre dados,
somos duas faces da mesma

sorte. Dou-lhe um piparote.
E volta, ainda assim, ao ermo

das mãos que lhe nego.
Tem as antenas abertas e

com o abdome e a coroa da
cabeça ensaia uma dança.

As pinças, afiadas sob a carne
de meus dedos, são frágeis.

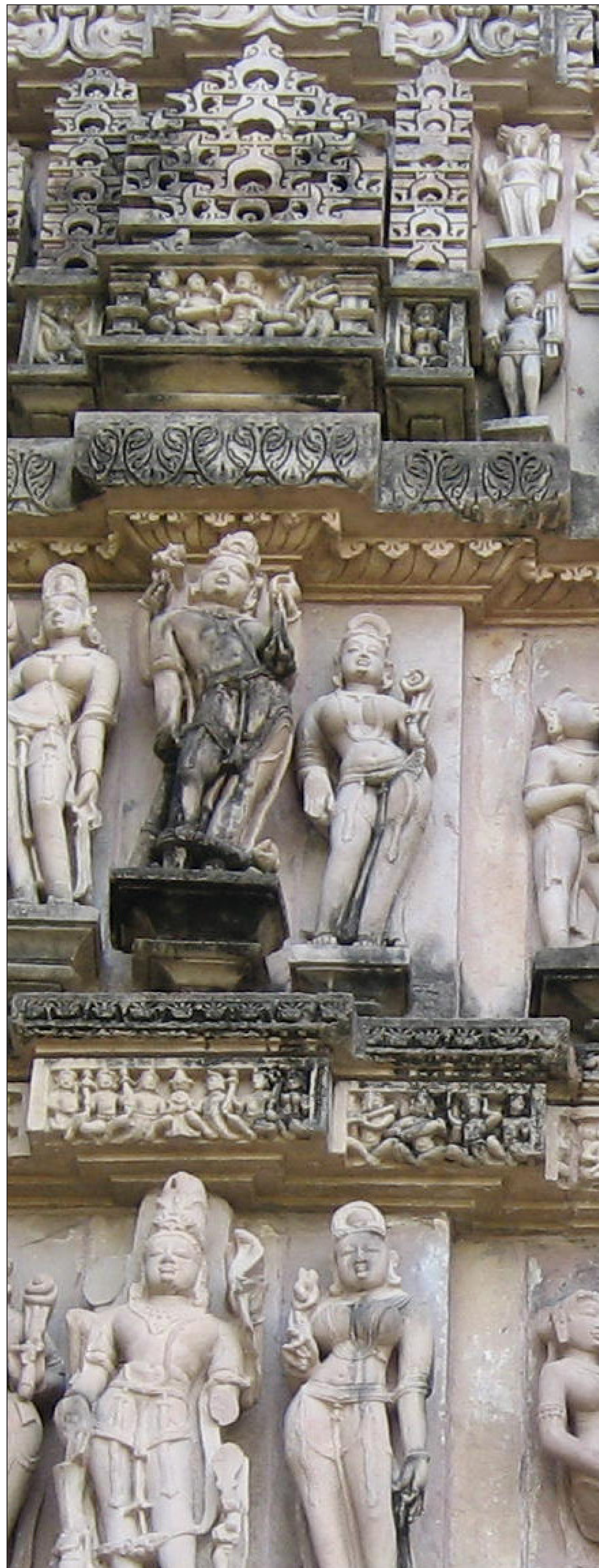
Talvez chame a cavalaria
das formigas, os aviadores,

a marinha mercante. Talvez
seja um deus, quem sabe?

Talvez sejamos nós,
talvez sejamos nós.

Talvez sejamos nós
mirando outro gigante.

Luis Gustavo Cardoso



Quando inalei o horizonte

Quando inalei o horizonte
Um buraco surgiu entre os girassóis
Que giravam enquanto folhas secas
Rodopiavam ao som de um tango vívido.

Quando fumei as entranhas do firmamento
Apontaram-me dedos e fumaça tóxica fluía
De rostos cadavéricos
Sob a pele tenra do mais vil animal.

Quando calado regi a sinfonia de cardeais romanos
Que sorviam fragmentos de ferrugem
De estilhaços de um grande olho flutuante e viscoso
Dobrei os joelhos e orei cegamente.

Quando naufraguei em teu pranto bobo
Colhi rosas negras, de rara beleza
Ainda respirava fuligem de cidade grande.

Quando adoeci em teu peito barulhento
E pude sentir a carne que ali pulsava
Entre torres de concreto bárbaro.

Silenciei um copo de aguardente
Ingeri tua boca infestada de certezas e desordem.

Marcelo Gaspar



Quiuís

Quiuís

Maio embalava dulcíssimas folhas.

O outono emarelecia todas as pétalas de crisântemos,
Naquela tristeza imensa se esfolhavam,

Todas eram mais incompreendidas que o câncer em
teus braços...

Ainda a olho com olhos distantes,

És parte de um amor que ficou, parte das muitas
saudades,

Que me rala o coração...

Enquanto costurávamos o anteontem daquele teu
último verão!

O crepúsculo feria a memória,

Descoloria o maio de tua imagem e necessitava se
pôr...

Mais que os confins dos montes,

Mais que o sabor entregue daqueles teus preciosos
quiuís.

Morte é paroxismo...

Ensolarada, mais íntima que o pertencimento dos teus
risos

ao bem-te-vi;

E a concordância insustentável da morte.

O amor é um descosturar constante,

Um pretexto poético, ah, apenas e tão-somente...

Para crermos que tu sempre estarás entre as estrelas
brancas no céu.

Dylla Vicente



A cidade se desperta

A cidade amanhece,
lentamente o desalinho da noite de sono
vai-se arranjando ao corpo
como se apagam pelas ruas os pequenos núcleos de
escuridão
resistentes à luz do dia

na rua por onde caminho
a árvore, mesmo coberta do véu de lama
que combina restos de enxurrada, polímero asfáltico e
outras sujeiras
amanhece a rigor de uma primavera de frutos
de uma centena de balões de plástico coloridos
e pensar que há poucos meses atrás, um pouco antes
de onde a árvore está
um ipê amarelo em espessa plumagem se escreveu
legível nessa rua
e poucos deram com a novidade do capricho anual de
seu corpo:
isso repete todo ano, olha a sujeira que essas flores
causam, amarelo é deprê

à frente,
a moça de short amarelo curtinho com a polpa nua
nesta hora em que são mínimos os olhos pelas ruas
enche o dia dessa promessa de sensualidade e mente
qualquer resíduo de depressão
no amarelo alinhado ao seu corpo, ou melhor, à sua
nudez

o tempo indefinido

uma noite mal dormida, algum sonho confuso
entre memória e história
a mágoa de alguma discussão
nuvens cinzentas, serras encobertas, dia bom pra chover
mas ainda não chove
o mormaço vem despistados nessa brisa morna
que agita os balões coloridos na árvore e os cabelos, mesmo
curtos
da moça de short amarelo curtinho

os sinos
os meninos
os hinos
tudo se acorda de seus acordes diários
pra rotina que não há em cada dia

a fome não cessa
e estou indo à padaria em busca do desjejum,
um rato enorme aparece como que do nada correndo de um
lado pro outro
o cachorro que espreguiça esticando o corpo todo
põe os olhos no rato e bate em caçada atrás dele que se enfia
no primeiro bueiro

as cigarras não cantam mais nas árvores da avenida
como não cantam mais a essas horas os galos
como ainda não se ouve o piano sob as mãos da moça da
Antônio Rocha
todo esse estado de silêncio amanhecido
se rasga na sirene da ambulância - a vida é sempre urgente
é o canto que se ouve e compete com o ronco da moto
cortando a ambulância

ah!, um canarinho canta
como se cuidasse de que seu canto não acorde a cidade de
súbito,

entro na padaria
e de repente o cheiro de pão quente apaga a cidade
que ficou lá fora na rua

o pão
a palavra
certamente a poesia, se não for econômico demais
aninham-se ao colo em trânsito da cidade
que se nutre diariamente de pão, palavra e poesia –
certamente

e moça de short amarelo curtinho
em que ela alimenta o pão, a palavra e, certamente, a
poesia?

Luiz Sampaio



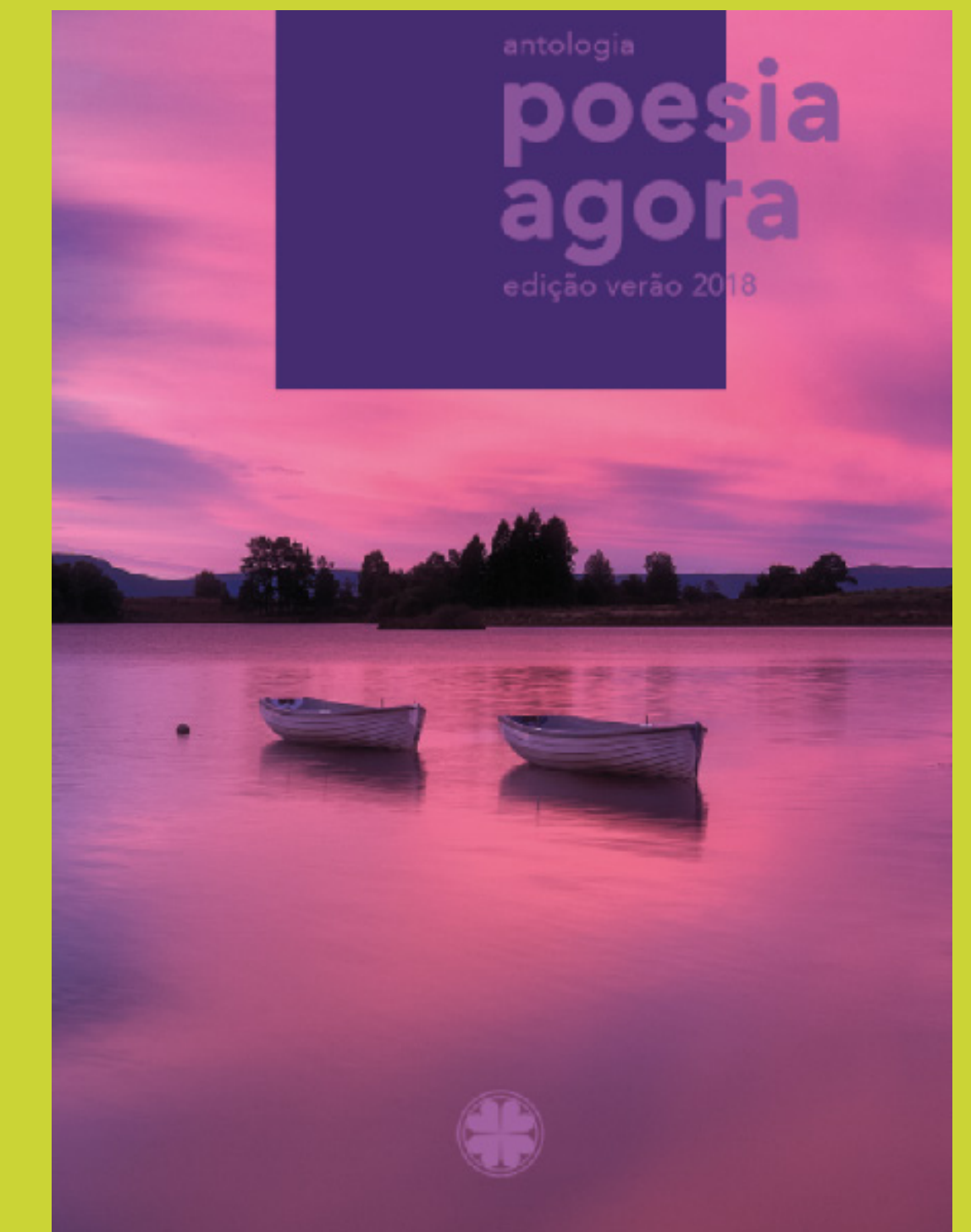
Aos jovens poetinhas de hoje em dia

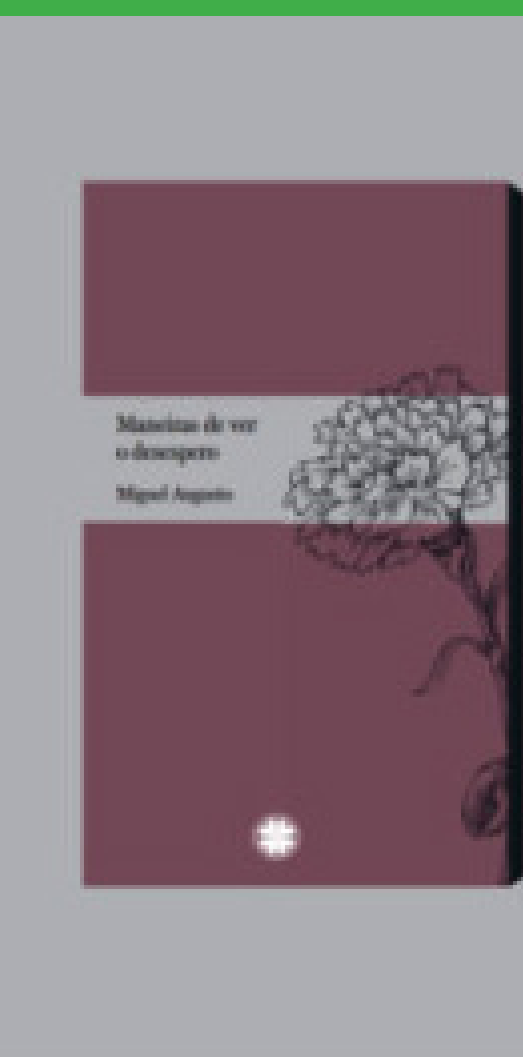
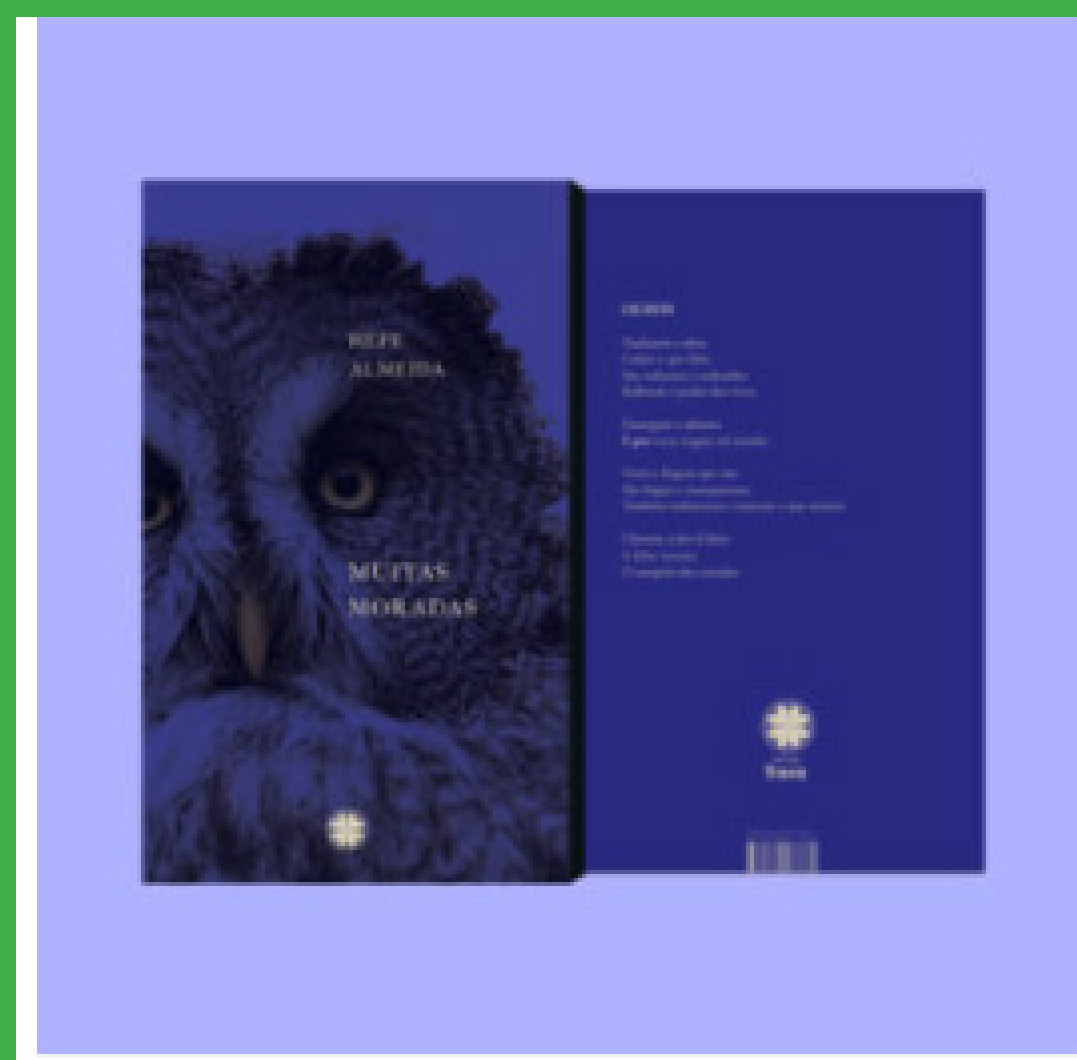
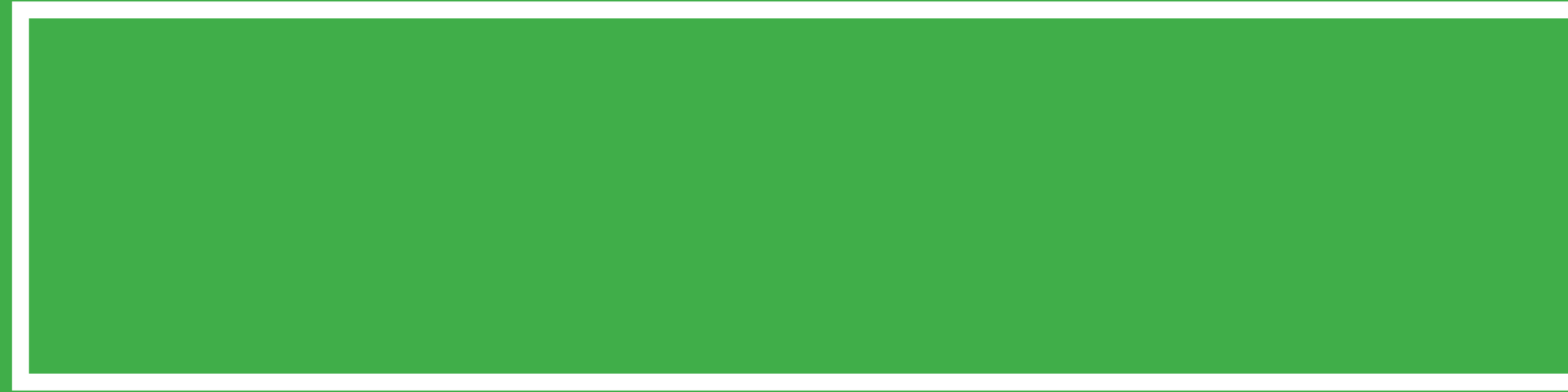
Já não enfunam papo; não têm voz: 1
Basta isso: o lápis e o papel habemus!
Escreve, escreve, escreve, escreve. E nós
Todos que os lemos nunca os entendemos. 4
Devemos? Não é caso de dever!
“Em que consistem versos tão supremos?!”,
É disto de que não se pode abster: 7
É que é pergunta de ciência que se
Preza co’o que é, não co’o que deve ser,
Para que o tempo não nos desperdice, 10
Concluído o diagnóstico final:
Consiste, eu adianto, na burrice.
E ainda assim, por burros digo-os mal: 13
Que uns isso, uns isto tentam parecer,
E acabam como a mula que afinal
Nem burro, nem cavalo sabe ser. 16
Fato é que o aspecto mais elementar
Não é senão seu modo de dizer.
Simples no assunto, obscuro no falar: 19
Encanta o juvenzinho purpurina
E faz gente crescida gargalhar.
O estilo, que resume a patavina, 22
Às vezes animado, às vezes triste,
Sempre a mesma abstração que não termina,
É que não raro nessa gente existe: 25
De um sentimentalismo a que pertence
A tinta em que se embebe a pena em riste,
O mal discurso que a ninguém convence 28
Muito não se demora nem se tarda
A que tudo se encubra com nonsense
Dizendo ser adepto de vanguarda. 31

POETA! diz-se, e disto faz vitrine
Do texto à estilística da farda!
É o tipo mais geral que se define. 34
Lamenta os livros velhos que não tem.
Faz nota no caderno moleskine.
Quanto ao café – diz que não vive sem. 37
Só escreve quando bate a inspiração,
E pra se distrair da espera, tem
Um gato inglês para passar a mão: 40
A mesma mão que mal – sequer alcança
Um manual de versificação.
Ai! Ai! Ai! Coitadinho da criança. 43
Não sabe o que é um iambo, o que é um troqueu.
Ritmos segundo os quais o verso dança:
Dactílico, anapesto e espondeu. 46
Ai! Ai! Ai! Meu amor! Mas que injustiça
De ter nascido assim foi que sofreu:
Não se faz verso co’ alma tão omissa... 49
“O Verso é sentimento, é liberdade”
E é como justifica a sua preguiça.
Meu bem!, eu, que já sou mulher de idade, 52
Eu que deixei há muito de ser Hera,
Digo: sempre há razão de ser o que há de
Apenas ser o que algum dia se era. 55
Portanto que... Portanto que... AI DE MIM!!!!!!
Ninguém aguenta mais essa galera
Que escreve prosa dando Enter!!!!!! -- FIM!!!!!!

Maria Bernadete C Borborema

prêmio
e
antologia
impressa





A